

Angela Maria dos Santos



MÓDULO

4

Cultura Afro-Brasileira e Identidades

Curso Uniafro: Política de Igualdade Racial no Ambiente Escolar – Aperfeiçoamento – Modalidade EaD

**EduUFMT**

Cultura afro-brasileira e identidades



UFMT

Ministério da Educação
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Reitora
Myrian Thereza de Moura Serra

Vice-Reitor
Evandro Aparecido Soares da Silva

Coordenador da Editora Universitária
Renilson Rosa Ribeiro

Supervisão Técnica
Ana Cláudia Pereira Rubio



Membros

Renilson Rosa Ribeiro (Presidente - EdUFMT)
Ana Cláudia Pereira Rubio (Supervisora - EdUFMT)
Adelmo Carvalho da Silva (Docente - IE)
Ana Carrilho Romero Grunennvaldt (Docente - FEF)
Arturo Alejandro Zavala Zavala (Docente - FE)
Carla Reita Faria Leal (Docente - FD)
Divanize Carbonieri (Docente - IL)
Eda do Carmo Razera Pereira (Docente - FCA)
Elizabeth Madureira Siqueira (Comunidade - UFMT)
Evaldo Martins Pires (Docente - CUS)
Ivana Aparecida Ferrer da Silva (Docente - FACC)
Josiel Maimone de Figueiredo (Docente - IC)
Juliana Abonízio (Docente - ICHS)
Karyna de Andrade Carvalho Rosseti (Docente - FAET)
Lenir Vaz Guimarães (Docente - ISC)
Luciane Yuri Yoshiara (Docente - FANUT)
Maria Corette Pasa (Docente - IB)
Maria Cristina Guimaro Abegão (Docente - FAEN)
Mauro Miguel Costa (Docente - IF)
Neudson Johnson Martinho (Docente - FM)
Nileide Souza Dourado (Técnica - IGHD)
Odorico Ferreira Cardoso Neto (Docente - CUA)
Paulo César Corrêa da Costa (Docente - FAGEO)
Pedro Hurtado de Mendoza Borges (Docente - FAAZ)
Priscila de Oliveira Xavier Sudder (Docente - CUR)
Raoni Florentino da Silva Teixeira (Docente - CUVG)
Regina Célia Rodrigues da Paz (Docente - FAVET)
Rodolfo Sebastião Estupiñán Allan (Docente - ICET)
Sonia Regina Romancini (Docente - IGHD)
Weyber Ferreira de Souza (Discente - UFMT)
Zenesio Finger (Docente - FENF)

Angela Maria dos Santos

Cultura afro-brasileira e identidades

© Angela Maria dos Santos, 2018

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

A EdUFMT segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor no Brasil desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão do autor/organizador.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237 Santos, Angela Maria dos
Cultura afro-brasileira e identidades [e-book] / Angela Maria dos Santos.
-- Cuiabá : EdUFMT, 2018
Módulo 4 : il. (color.)

Modo de acesso : World Wide Web

ISBN: 978-85-327-0885-4

Inclui referências

Curso Uniafro : Política de igualdade racial no ambiente escolar –
Aperfeiçoamento – Modalidade EaD

1. Cultura – Afro-brasileiros – Escola. 2. Afro-brasileiros – Identidade
cultural – Ambiente escolar. I. Título.

CDU – 316.72(=414)(81)

Biblioteca Consuelo O. Melo – CRB-1/1468

Supervisão Técnica:

Ana Claudia Pereira Rubio

Revisão Textual e Normalização:

Elisabeth Madureira Siqueira

Diagramação e Arte da Capa:

Candida Bitencourt Haesbaert

Realização:



Comitê Científico:

Candida Soares da Costa (UFMT)

Acildo Leite da Silva (UFMA)

Sérgio Pereira dos Santos (UFMT)

Rosinete Maria dos Reis (UFMT)

Ângela Maria dos Santos (UFMT)

Zizele Ferreira dos Santos (UFMT)

Valdeci Silva Mendes (UFMT)



Editora da Universidade Federal de Mato Grosso

Av. Fernando Corrêa da Costa, 2.367

Bairro: Boa Esperança. CEP: 78060-900 - Cuiabá-MT.

Fone: (65) 3313-7155 | www.editora.ufmt.br

Apoio:



Sumário

Prefácio	7
Introdução	8
Algumas questões sobre a elaboração e nascimento da cultura afro-brasileira	12
Contribuição africana para a cultura material e imaterial	15
Quilombos, Irmandades e a Religião de Matriz africana na resistência cultural	20
Os quilombos e a cultura negra	20
Irmandades e Confrarias de Cor	22
Religiosidade de Matriz Africana	24
Dimensões culturais e identitárias em tradução	25
Referências	31
Sobre a Autora:.....	32

Prefácio

O curso Uniafro: Política de Igualdade Racial no Ambiente Escolar integra as ações realizadas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (Nepre), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Apresenta-se em consonância às demandas sociais por uma política de formação inicial e continuada de docentes, visando à efetivação de educação das relações étnico-raciais em todos os níveis de ensino. O presente curso, em particular, está voltado à formação continuada de professoras e professores que atuam na Educação Básica. Trata-se de um curso de aperfeiçoamento, que se realiza na modalidade a distância, composto por cinco módulos: Módulo I: Educação a distância e ambientes virtuais de aprendizagem; Módulo II: Concepções e Diretrizes da educação das relações étnico-raciais; Módulo III: Educação das Relações Étnico-Raciais e Currículo no cotidiano escolar; Módulo IV: História e cultura afro-brasileira; Módulo V: Projeto de Intervenção no processo educativo. Cada um deles foi elaborado na expectativa de que possa subsidiar o percurso de formação e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que contemplem o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e africana na educação escolar. Recomendamos, enfaticamente, estudo dos conteúdos, realização das atividades proposta, bem como atenta leitura do Guia do Curso e do Guia de Estudo pertinente a cada módulo (que também serão disponibilizados no ambiente virtual de aprendizagem). Nestes estarão disponíveis informações e orientações importantes e necessárias durante todo o processo de realização do curso. Desejamos que cada módulo seja compreendido como fundamental no processo de construção da trajetória de sucesso no curso, de modo que cada cursista possa estudar e aprofundar os conteúdos, vivenciando, assim, uma rica e consistente experiência formativa.

Candida Soares da Costa
Coordenadora do Nepre

CULTURA AFRO-BRASILEIRA E IDENTIDADES

Angela Maria dos Santos

Introdução

Neste módulo a abordagem é sobre cultura afro-brasileira, fruto de reelaborações, intercâmbios e empréstimos ocorridos a partir da diáspora africana em direção ao território brasileiro. Os africanos aqui traficados e seus descendentes imprimiram significativos elementos culturais no Brasil, evidenciando os laços que mantemos com a África, que, juntamente com outros grupos étnicos negros, impactaram sobremaneira a construção da identidade brasileira.

Geertz (2008, p. 66) conceitua cultura enquanto uma teia de significados construída pelas pessoas, orientadora de sua existência. Nesse sentido, a cultura significa um protótipo formado pelas significações transmitidas historicamente e incorporadas pelos indivíduos através de símbolos. Por esse sistema de concepções herdadas, expressas sob formas simbólicas, os indivíduos se “[...] comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”.

As abordagens sobre a cultura afro-brasileira tem como ponto de partida a presença negra no Brasil que, conseqüentemente, perpassa a história da escravidão, no interior da qual o negro construíram variadas formas de resistência. Isso implica discutir questões, como racismo e racialismo, que em suma produziram ideias hierarquizadas sobre as diferenças raciais. Por

Saiba Mais:



A cultura pode dizer muito de nós, da forma como pensamos e apreendemos a nossa realidade, do jeito como manipulamos e produzimos conhecimentos e principalmente das representações criadas para externamos essa cultura. A cultura coexiste em comportamentos e práticas, relativos às organizações simbólicas, da produção social de sentidos, base sobre a qual nos relacionamos com o real. Dessa forma, ela imprime a cada

povo uma peculiaridade identitária que expressa a sua maneira de viver e perceber o mundo. É exatamente nesse aspecto que se dá o impacto da contribuição africana e seus descendentes para o Brasil.

Leia mais nos Módulos: 08/2010 e 10/2014 - Identidade e Cultura Afro-Brasileira –NEPRE/UFMT.

consequente, surgem definições relativas à inferiorização das diferenças raciais e do etnocentrismo definidor dos padrões de cultura, estética, religião, além de outros elementos. No caso brasileiro, historicamente as definições de ser humano e de cultura, ancoraram nas ideias racistas e na percepção do conhecimento eurocentrista, o que dificulta a visibilidade da extensão da contribuição negra na cultura brasileira.

Sabemos que toda cultura é dinâmica, assim, discutir cultura afro-brasileira, além de refletir os processos complexos culturais, que envolvem os diferentes grupos étnicos africanos, torna necessário reelaborar produções culturais a partir das suas culturas e, considerando os impactos das ideias históricas de raça e seus desdobramentos no Brasil, como a do branqueamento, a discussão, aqui, também concebe essa configuração enquanto escolha política.

Nesse aspecto, não estamos falando de uma reprodução da cultura africana na diáspora brasileira, mas das reelaborações e resistências dos elementos culturais negros, possibilitadores de novas construções das identidades culturais. Poderíamos falar nisso, enquanto reminiscência, não relacionada ao que tenha sobrado de algo, mas enquanto tradução e resistências culturais reelaboradas.

A contribuição africana ocorreu em todos os espaços do país e se revelaram nos aspectos materiais e imateriais. Isso se materializou através dos conhecimentos nos campos da arte, agricultura, arquitetura, conhecimentos medicinais, formação de valores e sentimentos, concepção religiosa e de religiosidade, dentre outros.

Tal processo demandou tempo, negociações, idas e vindas e, como toda construção e relações socioculturais, deu-se de forma complexa e com multiplicidade de fatores. Segundo Silva (2011), a adaptação cultural dos negros era muitas vezes interrompida, com a chegada de africanos, o que fortalecia a cultura negra do lado de cá:



O processo de acomodação cultural do africano era, assim, continuamente interrompido. Em vez de render-se de todo à maneira de viver do branco, um ijebu escravizado fortalecia-se em suas crenças e em seus costumes a cada desembarque de um navio vindo de Lagos, e enriquecia-se ao contato com africanos de outras origens. (SILVA, 2011, p. 110).

Se por um lado podemos falar da persistência do colonialismo e seus desdobramentos, também se torna necessário referenciar as persistências e resistências negras, não só presentes em nossos tons de peles, nos cabelos e outros aspectos fenotípicos, mas naqueles elementos culturais que persistiram ou metamorfosearam em na língua, culinária, artes, religiões e produções de conhecimentos e saberes.

É importante salientar que a elaboração da cultura negra fora do continente africano deu-se através de negociações entre os próprios negros de diferentes culturas e etnias, que foram traficados para cá, e as aproximações com grupos sociais não negros. Sobre isso, Munanga (2000, p. 99) faz uma observação importante sobre essa elaboração:

Para que os elementos culturais africanos pudessem sobreviver a condição de despersonalização de seus portadores pela escravidão, eles deveriam ter, a priori, valores mais profundos. A esses valores primários, vistos como continuidade, foram acrescidos novos valores que emergiram do novo ambiente.

Para entender a cultura afro-brasileira e como a vivenciamos em nosso cotidiano, é necessário levar em consideração o impacto do elevado número de africanos que foram traficados para o Brasil durante mais de quatro séculos, ocasião em que estes, e seus descendentes, constituíram a grande massa populacional na construção do país, não só no aspecto econômico, mas, principalmente, na constituição de um novo povo: Nós! os(as) brasileiros(as).

Sabe-se que os afro-brasileiros conseguiram, mesmo com o preconceito oriundo das ideias racistas, protagonizar de forma expressiva a construção de uma cultura brasileira, nas mais variadas facetas. Esse é o maior legado dos negros para a nossa sociedade, pois, quase tudo que gostamos de comer, de fazer em nossa prática de lazer, na forma como nos relacionamos, como vemos as coisas e produzimos conhecimento, o que possui uma forte marca da cultura negra.

Muitas dessas contribuições se explicitam nos conhecimentos, técnicas e saberes introduzidos e criados por esse segmento, em diversos campos e formas de produções: intelectuais, valores, crenças, gostos alimentares,

estética, arte, danças, vestimentas e outras. Contudo, não se pode desconsiderar o dinamismo da cultura que influencia e que é influenciada nas interações sociais e relações externas e internas, constituídas a partir das trocas simbólicas.

Podemos verificar o quanto é complexo e rico o campo da cultura. No que refere à compreensão da cultura afro-brasileira, deve-se inicialmente encarar o desafio de se desvencilhar das armadilhas do racismo e do etnocentrismo cultural, que historicamente inferiorizaram os elementos africanos na formação da sociedade brasileira. A negação da história e cultura dos africanos no Brasil esteve relacionada aos interesses de dominação ideológica e da forte política de branqueamento, que visou esvaziar o teor racial na construção da identidade nacional.

Num propósito mais específico da reflexão aqui proposta, que é a de perceber a cultura afro-brasileira em nossa formação, cabe discutir como a cultura pode dizer muito de nós, seja da forma como pensamos e apreendemos a nossa realidade, do jeito como manipulamos e produzimos conhecimentos e, principalmente, das representações criadas para externarmos nossas produções de saberes.

Saiba Mais:



O pesquisador Carlos Machado, em *Ciência Negra* para a descolonização do saber, faz uma crítica às manifestações pejorativas e racistas sobre a África, presentes na perspectiva kantiana.

Assim, o autor apresenta uma visão contrária, formulada pelo Conde Constantine de Volney:

Como contraponto a esta visão kantiana, que reflete o pensamento do seu tempo, temos o relato do filósofo iluminista francês Conde Constantine de Volney (1757-1820), que no livro *The Ruins or, Meditation on the Revolutions of Empires: And The Law of Nature* (As Ruínas ou, Meditação sobre as Revoluções dos Impérios: E a Lei da Natureza – sem edição em português), após uma visita ao Egito, em 1787, escreveu:

“Basta pensar que essa raça de homens negros, hoje nossos escravos e objeto de nosso desprezo, é a mesma raça à qual devemos nossas artes, ciências e até mesmo o uso do discurso! Imaginem que estamos no meio de pessoas que se dizem os maiores amigos da liberdade e da humanidade e que aprovaram a escravidão mais bárbara e questionando se os homens negros têm o mesmo tipo de inteligência que os brancos”.

Fonte: <https://www.geledes.org.br/negros-na-ciencia-e-na-tecnologia/>

Algumas questões sobre a elaboração e nascimento da cultura afro-brasileira

Lembre-se, que o Brasil foi o local onde por mais tempo perdurou a escravidão, recebendo, do continente africano grande quantidade de escravizados. Estima-se que mais de 40% dos africanos traficados para as Américas adentraram em solo brasileiro. Foram homens e mulheres traficados de diferentes partes da África, detentores de culturas, religiões, línguas e hábitos diferentes.

Na realidade, a história da África se articula com a da humanidade, ficando dependente do conhecimento que as pessoas desenvolvem e adquirem sobre o mundo em que vive. A África é parte do planeta e os povos africanos integram a história da humanidade (MELLO, 2002). Os conhecimentos dos africanos traficados para as Américas eram diversos, uma vez que algumas nações contavam com ciências avançadas em determinadas áreas, porém, algumas nem tanto. O importante é que tais saberes impactaram na reelaboração da cultura dos países para onde os africanos foram encaminhados.

Segundo Cunha Júnior (2010), em decorrência das produções tecnológicas internas e das rotas comerciais estabelecidas pelo continente africano com várias regiões do mundo, os seus conhecimentos científicos foram repassados às culturas para onde imigraram. Até o século XVI, o desenvolvimento africano superava a Europa em várias áreas do conhecimento, alguns técnicos e tecnológicos de importância para a humanidade, desenvolvidos no interior do continente africano, sendo outros decorrentes de intercâmbio com a China, Índia e países árabes. Nesse contexto, destaca-se o conhecimento matemático, tal qual o da geometria, teoria de sistemas dinâmicos, astronomia e medicina. Culturas agrícolas, como a da cana-de-açúcar, banana, café, algodão, arroz e amendoim, já integravam as técnicas de plantio agrícola desenvolvidas em solo africano.

Tais domínios de conhecimento originários da África, durante o processo de diáspora, atravessaram o Atlântico e, no Brasil, de forma indiscutível, impactou na produção agrária e em outros setores, a exemplo das técnicas de exploração de ouro e pedras preciosas.

Para Cunha Júnior (op. cit., p. 14), as culturas africanas trazidas para o Brasil compreenderam experiências antigas das sociedades agrárias e urbanas africanas, tendo sido resultado de milênios de aprimoramento, uma vez que:

[...] são resultantes de milênios de aprimoramentos diversos vindos desde mais de 4000 anos antes da era cristã, das civilizações da antiguidade

da região do vale do rio Nilo, de povos como os núbios, os egípcios e os etíopes, chegando aos reinos dos séculos 12 ao 15 na região do vale do rio Níger, onde encontramos exemplos como os do Gana, Mali e Songai, ou em outras regiões como o reino do Congo, na África Central, e os almorovitas, no norte africano.

Não resta dúvida sobre a colaboração do componente africano e seus descendentes na elaboração da cultura afro-brasileira, mesmo em situação tão adversa, como a da escravidão, perfeitamente explicável, pois os colonizadores conseguiram adestrar corpos, mas não as mentes dos africanos.

Da mesma forma que é inegável a relação de dominação existente na escravidão que ocorreu no Brasil, também, não se pode pensar esse período histórico de maneira linear, sem considerar as diferentes formas utilizadas pelos negros e que se contrapunham ao sistema escravista. Os esforços e negociações cotidianos empreendidos, as diversas formas de resistências sutis ou explícitas, como fugas, revoltas, criação de organizações quilombolas, prática das religiões afro-brasileiras, instituição de irmandades religiosas católicas, dentre outros mecanismos, possibilitaram sua sobrevivência às atrocidades da escravidão, preservando os dispositivos culturais de origem africana, o que possibilitou vislumbrar o que hoje denominamos de cultura afro-brasileira.

Manuel Querino (1918. p. 39) foi o primeiro brasileiro a estudar a contribuição africana à cultura afro-brasileira, contrapondo às ideias negativas sobre o negro. Em o *Colono Preto*, apresentou a situação negra quanto à força de trabalho e o arcabouço de conhecimento dos africanos, fator preponderante na “civilização brasileira: “O africano foi o maior fator de prosperidade econômica do país, sendo a força de trabalho ativo, pois “[...] nada se perdia do que ele pudesse produzir. O seu trabalho incessante, não raro, sob o rigor dos açoites, tornou-se a fonte da fortuna pública e particular”.

Impossível não ter havido influências culturais entre os negros e outros grupos sociais, primeiramente porque os africanos se associaram entre si e com os outros, considerando a diversidade de etnia e cultura que possuíam. É dessa reelaboração cultural com dispositivos culturais africanos, que reconhecemos os elementos importantes para reivindicar a contribuição negra para o Brasil.

Então, tais contributos refletiram em nosso país, sob a forma de traços da cultura negra, marcados mais intensamente em algumas áreas, e em outras menos, características resultantes dos elementos fundamentais da filosofia negra africana.

Você Sabia?



Conceito de civilizatório tem relação ao que Santos conceitua: Ao dizer civilização, queremos significar encontro prolongado de culturas distintas gerando produtos novos e sofisticados - como foi o caso, por exemplo, do Egito faraônico, do Renascimento ou Revolução Americana; e, ao dizer culturas, nomeamos os campos-de-força em que se condensam as representações e os sentidos. (SANTOS, 1997, p. 8).

Querino (1988, p. 122), afirma que, por séculos, o trabalho do negro sustentou a nobreza e a prosperidade do Brasil: “Foi com o produto do seu trabalho que tivemos as instituições científicas, letras, artes, comércio, indústria etc., competindo-lhe, portanto, um lugar de destaque como fator da civilização brasileira”.

Pode-se salientar nessas reelaborações as contribuições “civilizatórias” na formação do povo e nas práticas culturais, com dimensão de trânsito entre dois mundos, o que diferencia do núcleo mais duro da cultura ocidental de percepção de mundo. Esse aspecto é muito presente nas religiões de matriz africana.



Jóias crioulas. Séc. XIX. Ouro, coral, marfim.

Fonte: Livro A Mão Afro-brasileira.



Baiana, 185. Óleo sobre tela.

Fonte: Li A Mão Afro-brasileira

A contribuição africana para a cultura material e imaterial

A apropriação cultural, simbólica e material, pelos sujeitos na relação com outras culturas, certamente não foi um processo simples. A complexidade está presente mesmo nas trocas e negociações entre as próprias etnias africanas. Geertz (1988, p. 46), salienta:

Um padrão, historicamente transmitido de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida.

Como já observado, a elaboração cultural negra foi se processando ao longo do processo histórico marcado por aproximação, conflitos e negociações, o qual resultou no nascimento da cultura afro-brasileira. O intercâmbio que existiu entre os negros, resultou das suas diferenças culturais as quais influenciaram e foram influenciadas por práticas culturais portuguesas e indígenas. Esse processo contribuiu para a elaboração da cultura brasileira, tão marcada pelos aportes culturais africanos.

Os elementos que estruturam uma determinada cultura irão influenciar no comportamento das populações dos locais para onde imigraram. Muitas dessas “concepções herdadas” se explicitam nos saberes e formas de produção intelectual, valores, crenças, predileções alimentares, estética, arte, danças, vestimenta, religiosidade, dentre outras. Cabe observar que os conhecimentos e a cultura dos grupos sociais negros foram se moldando às atividades do cotidiano da sociedade brasileira, visto que as práticas culturais constituíram um movimento de mão dupla.

Você Sabia?



A colonialidade do poder refere-se aos padrões de poder baseados em uma hierarquia (racial, sexual) e na formação e distribuição de identidade (brancos, mestiços, índios, negros). Quanto à colonialidade do saber, refere-se ao caráter eurocêntrico e ocidental como única possibilidade de se construir um conhecimento considerado científico e universal, negando-se outras lógicas de compreensão do mundo e produção de conhecimento, consideradas ingênuas ou pouco consistentes. A colonialidade do ser supõe a inferiorização e subalternização de determinados grupos sociais, particularmente os indígenas e negros.

Fonte: CANDAU, V. M.; RUSSO, K. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. In: Revista Diálogo Educação, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 165, jan./abr., 2010.

Os elementos africanos foram reelaborados nas trocas de saberes entre os negros e outros povos americanos, integrados por brancos e indígenas, com grau de intensidade maior ou menor dependendo da região. A partir dessas e de outras situações, foram sedimentando os aportes de origem africana no interior da formação brasileira, modelando a identidade cultural do país no que refere aos conhecimentos técnicos e científicos, à linguagem, religião, arte, culinária, às formas de sociabilidades, aos valores e organização social, dentre outros.

A compreensão das diversas contribuições para a formação da cultura de um povo é relevante, uma vez que a cultura não é produzida de forma isolada, mas compreende um conjunto expressivo de conhecimento de um povo, inscrito nas várias áreas das ciências, como os valores, hábitos e a religião, utilizados nas dinâmicas contínuas das relações sociais e das formas simbólicas e materiais de perceberem e atuarem no mundo. Especificamente para nós brasileiros, romper com a mentalidade colonialistas é significativo para conhecermos mais sobre nós mesmos.

É importante entender que é a dimensão imaterial da cultura, o aspecto simbólico, a subjetividade e as emoções que dão contornos à cultura material. Santos (2003, p. 2), exemplifica essa questão da seguinte forma:

A dança, a festa, o encontro de pessoas não é algo que possa ser tocado, posto que fenomenológico, simbólico, permeado de subjetividades e emoções. O que vale é o ato, o visível, às vezes o não tão visível assim, em todo caso, sensível, apreciável, essencial a condição humana. Aliás, estamos abordando exatamente a dimensão que dá sentido ao material, tocável, tangível e quantificável, pois, é a capacidade de transfigurar, representar, transcender, ressignificar, sentir, expressar, gostar, ter preferências, entre outras manifestações; que o ser humano se faz como tal.

Dentre os bens imateriais da cultura afro-brasileira, estão incontáveis produtos culturais, como o Samba de Roda (do Recôncavo baiano e do Rio de Janeiro), que contribuiu para a dança e a musicalidade brasileira. O Tambor de Crioula, no Maranhão, uma manifestação cultural de raiz africana encenada no Brasil pelos escravizados, passando a ser utilizada para louvação de um santo católico negro, São Benedito. Da mesma forma, também a importante manifestação cultural do Jongo.

Saiba Mais:



O *bumba-meu-boi* é um caso perfeito de luta pelo direito de representar. Conhecemos o enredo original: uma negra grávida que deseja comer língua de boi leva o marido a matar o animal preferido do amo. Separada a língua, faz-se a repartição festiva das carnes e vísceras. O negro foge, é recapturado por índios amigos, é punido e, com ajuda de mandingueiros, ressuscita o boi com um clister no rabo. Todo ano, até o fim dos séculos, encena-se a morte e ressurreição de Ápis. A etnografia do boi no Norte e Nordeste remonta ao século XVIII. A matriz mitológica estava na África e na Europa, mas a sua difusão pelo Brasil é uma proeza do negro-brasileiro: onde houve escravidão, houve boi. É como aquelas histórias de mouras encantadas: onde chegaram pretas velhas - como aquela vó Totônia, do menino Zé Lins do Rego - elas ficaram conhecidas. Mas a história do boi é também uma história de repressão e clandestinidade, até pelo menos este século. Não podia ser diferente: o motivo do folguedo é o desejo da negra e o espírito é a representação do negro e do branco pelo negro. Ao levar o bumba-meu-boi a toda parte, subtraindo-o do contexto cultural europeu, acrescentando-lhe as reminiscências da África profunda, os afro-brasileiros elevaram-no a ente de civilização. Fizeram-no patrimônio.

Fonte: Joel Rufino dos Santos. Culturas negras. Civilizações Brasileira. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, nº 25, p. 4-9___, 1997.

No estado de Mato Grosso, não se pode deixar de mencionar a dança do Congo, da cidade de Nossa Senhora do Livramento; o Chorado e Congo, de Vila Bela da Santíssima Trindade, inequívocos símbolos culturais da manifestação negra. Em seguida, apresenta-se a dança do Siriri, que resiste à mestiçagem cultural do estado.

Esses exemplos dão conta de algumas das resistências culturais negras regionais. A partir dos territórios, é mais perceptível o sentido da cultura imaterial, a qual atinge uma dimensão de concretude, ao influenciar os modos de vida, as formas de ações e como as pessoas se percebem e enxergam o mundo. Os territórios foram importantes para que a cultura negra resistisse ao processo de escravidão e aos preconceitos tão presentes no decorrer da história brasileira.

Sabe-se que a elaboração da cultura afro-brasileira nasceu com a chegada inicial dos negros, de diferentes culturas e línguas, ao Nordeste e ao Sudeste do Brasil, onde, majoritariamente, conseguiram, mesmo em condições desfavoráveis, imprimir seus aportes culturais na formação da nova sociedade. Os espaços das relações de trabalho, mesmo que em condições desfavoráveis, também constituíram importante campo de negociações e intercâmbio cultural.

Foi, porém, na dimensão material que as trocas de conhecimentos africanos e os de seus descendentes contribuíram diretamente ou tiveram participação importante na produção de saberes arquitetônicos, tecnológicos, farmacológicos, medicinais, nas técnicas de plantios e nas artes. Tais conhecimentos foram responsáveis pelo desenvolvimento de tecnologias, a partir dos ambientes e impulsionados pelas necessidades do cotidiano.

Os africanos e seus descendentes exerceram trabalhos variados no período colonial brasileiro e em diversas partes dela, vindo a ter enorme importância na formação de todas as vilas e cidades do período. Em diferentes situações, seja enquanto escravizados, livres, forros, ou enquanto escravos de ganho exerciam inúmeras funções, por terem conhecimento acumulado sobre determinados ofícios, como de vendedores, quituteiros e, até mesmo, de rúbulas¹. Na maior parte do século XIX, os negros desenvolviam uma infinidade de trabalhos profissionais especializados, sem os quais as cidades não funcionariam (ALBUQUERQUE; FRAGA, 2006, p. 83).

A contribuição dos negros foi além do aspecto econômico, representada por expressivo legado relativo aos bens culturais materiais, presentes em todos os aspectos sociais, culturais e econômicos, o que confere a peculiaridade dessa contribuição. Ela se deu pelas inserções de suas práticas, costumes, visão de mundo, aspectos organizativos e rituais religiosos impressos na sociedade brasileira, de tal forma que hoje essa influência se apresenta independentemente dos matizes de cor, visto que incorporados à identidade do povo brasileiro. Outorgado

Já se sabe que o continente africano também foi palco de invenções importantes, dentre elas a escrita, pois foi ali onde se encontrou os primórdios dessa prática, particularmente a escrita árabe. Os africanos foram os primeiros a conhecer a anatomia e o uso de ervas para tratamentos medicinais, tendo a sociedade egípcia se constituído enquanto base para o desenvolvimento desses conhecimentos. Da mesma forma, os africanos já detinham importantes referenciais de arquitetura, técnicas de cultivos na agricultura e também no campo da astronomia.

Outro aspecto dessa complexidade cultural deve-se à estreita convivência de negros com a cultura portuguesa, fosse vivendo em África, em Portugal, ou em suas colônias, o que propiciou um estágio de mútua influência e troca simultânea de valores culturais. Segundo Alencastro (2008), um

1 Rábula era a denominação aos que desempenhavam a atividade de advocacia sem formação profissional. Os advogados rúbulas constituíram uma figura importante na defesa dos escravizados. Nas ações específicas para livrar as os negros da escravidão, ancoravam-se nas *fronteiras legais*, que permitiam brechas para defesa da liberdade. Destacou-se no uso dessa estratégia, Luiz Gama. Autodidata, ex-escravo, com seus conhecimentos jurídicos, trabalhou pela liberdade dos negros. Dado a sua expressiva luta, foi reconhecido 133 anos após sua morte, sendo-lhe formalmente outorgado o título de advogado, pela Ordem dos Advogados do Brasil – OAB.

número significativo dos escravos especializados, principalmente aqueles de origem angolana, implantaram a cultura açucareira em Pernambuco e também na Bahia.

Seguramente, pode-se dizer que os africanos e seus descendentes contribuíram para o desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil. Não é possível, desconsiderar a contribuição negra para a cultura material do país, advinda do acúmulo dos conhecimentos e experiências dos negros em África e sua aplicação no mundo americano. Muitas etnias africanas traficadas para o Brasil eram originárias de antigos reinos, onde desenvolviam atividades econômicas produtivas, tanto de bens materiais como de imateriais, possuindo, como salientado anteriormente, conhecimentos e técnicas, seja no processo de construção, na agricultura, medicina, nas artes, e especialmente na escultura, ourivesaria, metalurgia e outros ramos.

Os conhecimentos tecnológicos, dos africanos e seus descendentes sempre constituíram fatores importantes nas produções econômicas colonial e imperial. Muitos tinham qualificação profissional nas mais variadas áreas, chegando a impactar na compra dos mesmos. Russell-Wood (2005) informa que “[...] os escravos carpinteiros, pedreiros ou ferreiros eram tão caros quanto essenciais para o mineiro que buscasse uma elevada produção, possível nas lavras” (p.161). Em relação ao processo de produção de ouro, a inserção da bateia, pelos africanos significou “um avanço na técnica de apuração” do minério (MARTINS,1986).

Sá Junior (2016, p.93), a partir de considerações sobre o afluxo e origem de negros (conhecedores de mineração, como os da Costa da Mina) que adentraram em Mato Grosso, assevera que a mineração ocorrida no século XVIII, os africanos foram componentes importantes nesse processo. Para tanto, menciona o registro das memórias de 1802, utilizado por Holanda (1976, p.138), no qual o determinado cientista natural descreve as formas de extração de ouro utilizadas nas regiões mineradoras de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Foram formas de mineração e escavação utilizando instrumentos como: “alavanca, almocrafe, bateia, carumbé e proximamente marreta”, empregadas no desenvolvimento de cinco métodos para extração de ouro e diamantes. Tal documento registra ainda que as técnicas eram originárias dos “pretos da Costa do Ouro”, conhecimento já sendo praticado há 100 anos.

A contribuição africana foi ganhando contornos em vários aspectos da sociedade brasileira em formação, imprimindo sua identidade na culinária, na instância religiosa, nas formas organizativas, nos ritmos, danças, técnicas e conhecimentos de produção de bens de consumo, além de servir de parâmetro de sociabilidade cultural.

Até aqui, você pode perceber as negociações e trocas, de maneira inteligente, que a população negra conseguiu imprimir na cultura nacional, tendo por base os elementos africanos, configurando, dessa forma, a cultura afro-brasileira. Isso só foi possível graças às maneiras encontradas pelos negros nas brechas no sistema escravista, quando introduziram seus modos de pensar e de fazer no interior da cultura brasileira.

Veja, a seguir, a importância de umas delas para a elaboração da cultura afro-brasileira:

Quilombos, Irmandades e a Religião de Matriz africana na resistência cultural

As organizações, como os quilombos, irmandades e as práticas religiosas de matriz africana, foram determinantes na reelaboração do *ethos* africano em terra brasileira. Constituíram elas espaços de resistência cultural utilizadas pelos negros.

O fortalecimento de elementos culturais sacralizados de matriz africana, como os alimentos (vatapá, pipoca, caruru, abará), ritmos, danças, arte e linguagem, serviram de base, até os dias atuais, para a produção cultural artística brasileira (musical, dança e plástica).

Compreender essas organizações enquanto “sítios culturais” de experiências coletivas de conformação e preservação de práticas sociais de matrizes africanas, em espaços elaborados pelos negros, nos permite visualizar as dimensões dos aportes afros reelaborados e preservados, uma vez que nesses espaços os negros puderam, com maior flexibilidade, vivenciar suas culturas e concepções de mundo.

Os quilombos e a cultura negra

O território quilombolas, por exemplo, nasceram como manifestação de enfrentamento ao sistema escravista, constituindo-se em espaços de resistência à escravidão e à sua cultura, visto que facilitados pela presença de negros de diversas etnias e origens, os quais elaboraram experiências baseadas em princípios culturais africanos. Esse processo também possibilitou sobrevivências e reprodução de valores, hábitos, mitologias, reelaboração de práticas de socialização, organização econômica, familiar, produção cultural e artefatos domésticos, a exemplo do pilão.

Sabe-se que, nas Américas, mesmo em contexto difícil de luta por sobrevivência, tendo como fator primordial a ideia de liberdade, *os quilombos, palenques, maroons* ou *cimarrones* assumiram muitas das características



Tacho de cobre com 100 anos no Quilombo Mutuca-N.Sra. do Livramento/MT. Foto da autora



Pilão e moinho no Quilombo Morrinhos-Poconó/MT. Foto da autora

culturais africanas, sendo que algumas sobreviveram e outras se misturaram diante dos diversificados diálogos culturais, internos externos.

Essas comunidades, com o passar dos anos, marcadas pela crescente miscigenação, passaram a ter no seu meio a presença de pessoas de origens étnica variadas. Com isso, ocorreram também adaptações materiais e sociais de outras culturas, as quais foram introduzidas nos quilombos. Principalmente no século XVII, quando elas se constituíram em comunidades relativamente plurais e multiculturais.

Os quilombos constituem um patrimônio para Memória, uma vez que sua dimensão territorial possui uma intrínseca relação com o local, se apoiando na oralidade para sua reconstituição identitária, numa luta tri-secular, visto ainda vigente na contemporaneidade. Trata-se de um direito à memória, no que diz respeito à reconstituição da reorganização de antigos territórios negros, numa espacialidade que extrapola o contexto geográfico tradicional, por ser detentor de informações históricas capazes de recuperar a formação étnico-cultural do próprio espaço, sendo necessária a incorporação do conjunto das povoações da região em que estão inseridos.

Vaz (2016, p. 2) considera não ser por acaso que, dos vários inventários culturais de comunidades quilombolas, surgiu uma política de patrimônio imaterial relacionando às referências culturais como afro-brasileiras e quilombolas, dado o número significativo desses registros:

[...] é notável que vários dos bens culturais registrados como patrimônio cultural nacional sejam encontrados em comunidades quilombolas, tais como o Jongo no Sudeste, o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, o Complexo Cultural do Bumba-meu-Boi do Maranhão, dentre outros. [...] Trata-

-se da ascensão de um patrimônio cultural “não consagrado” relacionado a grupos e povos historicamente marginalizados e invisibilizados, bem como da mudança de perspectiva ligada ao conceito de referência cultural.

A prática de plantio diversificado, por exemplo, utilizado nos primórdios da organização dos quilombos, é característica de modo de produção agrícola que influenciou a prática de plantio em território brasileiro. De maneira genérica, tal prática passou a constituir um dos elementos identitários das práticas agrícolas de subsistência, exemplares, ainda hoje, em muitas comunidades camponesas.

A importância dos quilombos para a cultura afro-brasileira é um fato que, segundo Castro (1986, p. 30), persiste, pois, “[...] ainda hoje, inúmeros dialetos de base banto são falados como línguas especiais por comunidades negras rurais, provavelmente sobrevivências de antigos quilombos, em diversas regiões do território brasileiro”.

Irmandades e Confrarias de Cor

O exemplo mais emblemático do hibridismo cultural-religioso está nas manifestações populares católicas, nas quais estão presentes as reelaborações culturais religiosas dos negros, numa demonstração de aculturação, uma vez que as dimensões culturais negras foram incorporadas de novos significados, na percepção do sagrado.

Em relação às experiências e práticas de africanos e afro-brasileiros dentro de espaços, as Irmandades e Confrarias de Cor se caracterizam enquanto vivências organizadas para fins de compra de liberdade e busca de inserção social do segmento negro. Em seu interior foram preservadas práticas culturais e religiosas africanas importantes, a ponto de contribuírem na organização do Candomblé.

Essas organizações influenciaram a prática religiosa católica no Brasil, a exemplo das Festas de Congo, onde as formas de devoção e festejos aos santos católicos, particularmente àqueles negros, resultaram em expressões tipicamente africanas, em meio ao universo católico.

Conforme Mello e Souza, foram variadas as formas de adoção do catolicismo pelos negros, cujas práticas religiosas passaram a caracterizar um catolicismo marcado pela cultura branca, com inserção de alguns valores religiosos africanos, o que influenciou sobremaneira a forma com que os brasileiros passaram a vivenciar o catolicismo no Brasil.

Possivelmente, as Irmandades e Confrarias de cor, juntamente com o culto domésticos realizados pelos negros, acabaram se tornando grandes gestores



Irmandade da Boa Morte –Cachoeira-BA.
Fonte: Livro A Mão Afro-brasileira

desenvolviam identidades sociais expressivas, em um contexto social, sufocante e sempre incerto. A irmandade de uma idealização branca, como um mecanismo de domesticação do espírito africano. Os negros, através da africanização da religião dos senhores brancos, transformou esse espaço religioso, num instrumento de identidade e solidariedade coletivas. “Uma espécie de família ritual, em que africanos desenraizados de suas terras viviam e morriam solidariamente” (REIS, 1996, p.10).

Em Mato Grosso, é muito comum se observar manifestações do catolicismo negro em festas de santo, bastante comuns nas cidades tradicionais, como Cuiabá, Vila Bela da Santíssima Trindade, Poconé, Nossa Senhora do Livramento, Cáceres e outras, acompanhadas pelas danças do Siriri e congadas. Um exemplo disso é a tradicional Festa do Congo, em Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital de Mato Grosso, no período colonial.

do **Catolicismo Negro**. Trata-se de sincretismo afro-católico que, até hoje sobrevive nas Festas de Congos, nas festividades e danças populares que acompanham as consagrações aos santos católicos, particularmente aquelas destinadas aos santos negros, como Santo Elesbão, Santa Efigênia, Santo Antônio do Cariteró (Categeró) e São Benedito.

Basicamente, a *Irmandade* traduzia-se em um espaço de relativa autonomia negra, onde os integrantes em torno das festas, assembleias, eleições, funerais, missas e da assistência mútua



Casa de descendentes quilombolas de Pita Canudo-Cáceres. Foto da autora.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, majoritariamente composta por africanos e seus descendentes se constituiu em microterritórios negros. Através da mesma, muitos negros conquistaram alforria. Devido à “normatização das almas”, numa complexa relação, a irmandade era composta de negros e não negros. As famílias negras mantiveram as devoções e os saberes africanos e na união com a igreja do Rosário, garantiu a devoção a São Benedito (SILVA, 2001, p. 148).

Saiba Mais:



Os proprietários e a sociedade como um todo, foram sempre obrigados a reconhecer um certo espaço de autonomia para os cativos. Nas terras dos beneditinos, à margem do Jaguaribe, em Pernambuco, os escravos assumiram inteiramente – e isso parece ter sido um ponto de honra para eles – a festa de Nossa Senhora do Rosário, sua padroeira. “As despesas que correm são satisfeitas pelos escravos”, anotou um viajante, “(...) e a festa é inteiramente dirigida por eles, três frades oficiariam no altar, mas os foguetes, fogos-de-vista e todos os outros artigos são providenciados pelas comunidades escrava. O mesmo poderíamos dizer sobre as festas de padroeiras organizadas, colônia afora, pelas irmandades de cor.

A conservação de antigos costumes também faz parte desse quadro. Pensamos, aqui, nas coroações semelhantes, como aquela de 1748, no Rio de Janeiro, quando o escravo Antônio tornou-se rei da nação rebole. Instituições como essas são, claramente, frutos de uma enorme negociação política por autonomia e reconhecimento social. É nessa micropolítica que o escravo tenta fazer a vida e, portanto, a história.

Fonte: João José Reis & Eduardo Silva, 1989, p.21.

Religiosidade de Matriz Africana

As práticas religiosas presentes especialmente nos Candomblés se tornaram um sítio cultural do *modus vivendi* com muitos elementos das práticas religiosas africanas. Com certeza, as religiões brasileiras de matriz africana aproximam da dimensão filosófica e cosmovisão típicas da África. Não se pode deixar de observar, que a singularidade dessa cultura religiosa influenciou no comportamento brasileiro em sua maneira de manifestar a fé e espiritualidade, as quais transcendem as organizações e filiações religiosas de qualquer denominação, tendo um pouco dessa influência sobre a percepção e forma do brasileiro lidar com o sagrado.

As dimensões religiosas negras transportaram as divindades africanas e com elas sua cosmologia, presente principalmente nos Candomblés (Ketú e Angola)

e no Batuque. Nesses territórios, a abstração do real ganha dimensões muito diferentes da cultura ocidental, visto vivenciar conhecimentos particulares sobre a natureza e maneira de interpretar o mundo.

Cabe observar que nesses espaços a dimensão familiar se modifica, pois os sentimentos das famílias ultrapassam os laços consanguíneos, incluindo-se outros laços nos quais se agregam outras pessoas, característica do comportamento de afetividade africana, facilmente observável tanto na particularidade da religião como no coletivo da sociedade brasileira.

Outro dado importante que caracteriza a matriz africana nesse espaço trata-se do valor da palavra, que tem poder de enunciado místico na junção de dois mundos. Assim, a funcionalidade da dimensão da oralidade inclui também a esfera simbólica no desenvolvimento da crença enquanto elemento sagrado, quando a mesma “palavra tem poder”, ou seja, é carregada de energia ao ser pronunciada, podendo favorecer ou não as pessoas:

Na tradição africana nenhuma tentativa de penetrar a história e os espíritos dos povos africanos se faz sem que se apoie nessa herança de conhecimentos, de boca a ouvido, de mestre a discípulo. Para manter a fidelidade da oralidade, inúmeros fatores religiosos, mágicos ou sociais concorrem para garantir esse valor. Nesse sentido a palavra falada se empossa, além de um valor moral de um caráter sagrado, relacionado a sua origem divina e as forças ocultas nela depositada. (HAMPATÉ BÂ, 2009, p. 181).

É recente, no Brasil, um movimento religioso com dimensões de práticas tradicionalmente africanas, pois as religiões afro-brasileiras, como Candomblé e outras, são reelaborações dos negros do Brasil, resguardando a possibilidade de práticas religiosas negras num contexto de diáspora. Hoje, a religião tradicional africana, que começa a se estruturar no país, é fruto de novos intercâmbios entre Brasil e África, que cada vez mais se aglutinam em torno da tradição religiosa africana. Contudo, não se deve perder de vista que, ainda se tratando de uma Religião de Culto aos Orixás de forma Tradicional Yorùbá, a mesma se revela em contexto de diáspora e onde as tensões culturais estejam ocorrendo.

Dimensões culturais e identitárias em tradução

Discutir identidade é complexo diante da fluidez e mobilidade. Então, para iniciar esse tópico, a contribuição Hall (2006, p. 88), é pertinente. A partir de seus estudos existe a possibilidade de uma “Tradução” identitária, conceito que descreve a construção da identidade daqueles que transportam suas tradições entre fronteiras. As pessoas retiradas do seu território de nascimento cruzam e intersectam fronteiras e, na impossibilidade de

retornarem, retêm consistentes vínculos com os lugares de origem e com suas tradições. Assim, as pessoas, em um novo contexto,

[...] são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas [...]

A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias casas (e não a uma “casa” particular). As pessoas pertencentes a essas *culturas híbridas* têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza: Cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente *traduzidas*. (HALL, 2006, p. 89).

Outro aspecto também relevante para o mesmo autor é que estão emergindo novas identidades culturais, as quais oscilam entre “Tradição e Tradução”, que “não são fixas”, “em *transição*” e “entre diferentes posições”. Elas, ao mesmo tempo, se alimentam de subsídios de diferentes tradições culturais. Sendo esses o produto dessas complicadas intersecções e misturas culturais cada vez mais comuns no mundo globalizado. O mesmo autor, a partir de estudos sobre essas novas identidades, pode nos auxiliar na reflexão sobre outros lugares. Para Hall (2006, p. 86-87), o movimento *black*, organizado pelos afro-caribenhos e indianos, é um exemplo do caráter político, posicional e *conjuntural* das novas identidades. E, como a identidade e a diferença “[...] estão entrelaçadas em identidades diferentes, uma nunca anulando completamente a outra”.

Talvez a maior herança cultural negra se encontre realmente incrustada no que melhor explica o jeito peculiar de ser dos brasileiros. As questões sobre identidades culturais são complexas e difíceis de dirimir, mas são possíveis de reflexões. Em contextos específicos são perceptíveis, por exemplo, a aglutinação de indivíduos reivindicando identidades em torno da tradição quilombola, como elemento político e de resistência voltado para a preservação de seus territórios. Movimento parecido ocorre nas comunidades tradicionais de terreiros, sobre os quais se manifestam religiões de matriz africana, o que levou Silva (2008, p. 157) a fazer a seguinte observação:

Podemos considerar, ainda, um vínculo simbólico dos terreiros com a África ancestral [...] A religião manteve coesa uma consciência coletiva de pertencimento a uma cultura, se modificando, certamente, em cada contexto, mas, mantendo os sistemas originais básicos, se ramificando em muitas varáveis: do candomblé jeje-nagô ao candomblé caboclo. Estas

diversas reelaborações deram significado e possibilitaram a sobrevivência física e espiritual de importantes setores da população negra e mestiça. A religião, neste caso, foi um dos refúgios de resistência ao processo de desafrikanização do homem negro.

Nesses territórios religiosos, talvez ocorram aproximações de construções identitárias de maior dimensão negra, considerando o culto centrado no panteão de divindades africanas. Assim, se manifesta a incorporação desses elementos ao processo iniciático, próprio da religião, pois quando alguém se inicia ela se torna simbólica e espiritualmente membro do reinado africano, no qual se julga ter ligações referentes à sua ancestralidade.

Entendemos que a cultura negra no Brasil reflete uma reelaboração africana, com elementos específicos que marcam as particularidades do nosso povo. Porém, aqui, a ideia é refletir sobre a cultura de matriz africana, que caracterizará, de maneira significativa, a identidade do povo brasileiro. Essas reelaborações se circunscrevem à cultura imaterial correspondente às práticas, modos, afetividade, cooperatividade, espiritualidade, estética, língua e à forma alegre de viver a vida e de enfrentar os problemas. Organizar encontros, festejos, entre outros, constituem os principais elementos que caracterizam a identidade afro-brasileira em solo nacional.

De maneira geral, tal identidade é fruto do inevitável processo de influências culturais, entre trocas recíprocas, negociações e resistências. O negro acabou impondo, de maneira mais ou menos subliminar, alguns dos mais significativos valores do seu patrimônio cultural na construção da sociedade nacional, os quais foram absorvidos pela sociedade enquanto símbolos de identidade nacional, mas sem considerar a ação de seus verdadeiros promotores na modelagem da cultura brasileira (CASTRO, 1986).

Munanga (1996, p. 63) reflete que a transculturação parece ser um elemento fundamental da cultura afro-brasileira, tecendo crítica às ideias de purismo da cultura africana, na formação de uma cultura negra



Festa do Congo de N. Sra. do Livramento/ MT.
Crédito: Regina S. S. Costa

constituída na diáspora brasileira. Para o mesmo, os escravizados africanos e seus descendentes não ficaram aprisionados aos modelos ideológicos excludentes, mas às suas práticas e táticas, as quais foram se desenvolvendo numa perspectiva transcultural, objetivando “[...] formar identidades pessoais ricas e estáveis que não podiam estruturar-se unicamente dentro dos limites de sua cultura”.

O fato é que os aportes africanos se apresentam nas manifestações culturais mais vivenciadas por nós, contudo, acostumou-se legitimá-las somente enquanto brasileiras, sem demarcar os elementos integrantes da cultura afro-brasileira. As manifestações culturais, como o samba, a capoeira, os ritmos e danças de Candomblé, os trajes, a cozinha típica de influência africana e outros, configuram uma identidade nacional, da qual o Brasil é conhecido internacionalmente. Mesmo porque a cultura não é estática, e esses aportes dão base para outras produções culturais, inclusive enquanto produtos comerciais consumidos na moda, na culinária, na música e em outras facetas.

Hoje, ninguém pode negar os elementos das culturas negras na constituição da nacionalidade do povo brasileiro. A contribuição africana no



processo de formação da cultura afro-brasileira ocorreu das mais variadas formas. Talvez, se torne complexo pensar essas dimensões culturais negras nas identidades dos grupos. Por isso, ao pensar as contribuições do segmento negro no interior da cultura, não se deve dissociar esses subsídios na construção da identidade afro-brasileira, o que influencia no nosso jeito de ser brasileiro. É evidente que isso depende do contexto em que os indivíduos se encontram e do interesse dos mesmos na formulação da construção de identidade cultural.

Ama de leite Simone. Fonte: História da vida Privada.vol.2 1997.

Você Sabia?



Certamente que, desde o primeiro africano que chegou ao Brasil como escravo o elemento negro foi fundamental na construção da nossa nacionalidade. E apesar de toda a repressão conseguiu preservar, adaptar ou reconstruir seus padrões culturais, suas relações familiares e de cooperação, deixando marcas profundas no modo de ser brasileiro. Entretanto(...) País onde convivem várias culturas, no Brasil, os africanos deixaram fortes traços de sua identidade na religião, na história, nas tradições, no modo de ver o mundo e de agir perante ele, nas formas de arte, nas técnicas de trabalho, fabricação e utilização de objetos, no modo de falar, na medicina popular e em muitos outros aspectos. Esses traços, recriados pelos afro-brasileiros de uma forma inconsciente ou não, são o que melhor define a identidade nacional.

Fonte: Nei Lopes, 2006, pp.221-222

Como já mencionado, a cultura coexiste em formas de sociabilidade, práticas culturais híbridas, em dimensões de organizações simbólicas e de produção de sentidos, com as quais relacionamos com o real. É dessa forma, que ela (a cultura) imprime a cada povo uma peculiaridade identitárias que poderá influenciar na maneira de viver e perceber o mundo dentro de uma cultura ocidental.

Os adjacentes de subsídios do processo de construção histórica das relações sociais, bens simbólicos que estruturam a cultura e em diálogo com as diferenças, poderá influenciar na construção de identidades culturais. Mas semelhantes construções são complexas e nunca uniformes.

Mesmo em relações desiguais, próprias da dinâmica escravista, os negros impactaram, com seus costumes, a dinâmica social em que estavam inseridos. Para Castro (1980), a mulher negra, por exemplo, foi uma das grandes colaboradoras para o avanço da cultura africana na formação cultural brasileira, seja através dos trabalhos domésticos nas casas dos senhores, quando era responsável pelo cuidado da casa e das crianças, tida como a “mãe-preta. Essa situação oportunizou uma maior interação, exercendo sua influência no espaço conservador das famílias dos colonizadores e interferindo diretamente na socialização linguística das crianças, na dieta alimentar, nos comportamentos, mas também na constituição de certos mecanismos psicossociais e nas práticas de afetividade. Ela introduziu, através de contos populares, cantigas de ninar, crenças e valores, acabando por fazer a inserção de elementos simbólicos do universo cultural e emocional africano:

Ainda naquele ambiente, a atividade da mulher negra como cozinheira também lhe deu oportunidade de introduzir o gosto por novos ingredientes nos hábitos alimentares do colonizador e enriquecer sua mesa com pratos preparados com a técnica que lhe era familiar. Graças a ela, a mais famosa e típica de todas as cozinhas do Brasil é a da Bahia, condimentada com azeite-de-dendê e pimenta malagueta. (CASTRO, 1980, p. 30).

A cultura coexiste em comportamentos e práticas relativos às organizações simbólicas presentes na produção social de sentidos, com as quais nos relacionamos com o real. Dessa forma, ela imprime a cada povo uma peculiaridade identitária que expressa a sua maneira de viver e perceber o mundo. É exatamente nesse aspecto que se dá o impacto.

A preservação e reelaboração dos aportes africanos não ficaram restritas a algumas regiões do país, ou a organizações específicas, embora alguns espaços, como os quilombos, candomblés e outras organizações majoritariamente de negras, permitiram uma liberdade maior no exercício de suas culturas, e, assim, influenciar fortemente a sociedade brasileira.

Os africanos e seus descendentes contribuíram para a cultura brasileira no campo econômico, na produção de bens materiais e imateriais. Essas contribuições continuam servindo de base para a produção cultural de consumo e de valores no Brasil, em várias áreas sociais. Em decorrência da presença negra na formação do povo brasileiro, juntamente com os povos indígenas, possibilitou-se a existências de concepções de mundo, religião, produção de conhecimentos que não se restringiram ao espaço ocidental.

Chegamos ao final do módulo. Ainda que de maneira genérica, pode-se concluir que a cultura afro-brasileira foi constituída da estreita relação entre a cultura africana em diálogo com outras culturas, permeada por negociações conflituosas, ou não, as quais foram capazes de produzir substratos culturais marcadamente afros. Sem pretensões de concluir ou definir a cultura afro-brasileira, pode-se dizer, a contribuição cultural africana está na construção dos bens materiais e imateriais, dos quais nos apropriamos dos signos culturais e traduzimos em forma de sociabilidade, percepções de mundos, elementos simbólicos de novas produções de identidades em torno dos significados negros e de como marcamos a nossa identidade enquanto brasileiros.

Referências

- BRAGA, Julio. Candomblé: Força e Resistência. **Afroasia**, Salvador, n. 15, p. 13-17, 1992.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. Dimensão dos aportes africanos no Brasil. **Afroasia**, Salvador, n.16, p.24-35, 1986.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13 ed. (em português). São Paulo: LTC, 2008.
- HALL, Stuart **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LIMA, Vivaldo da Costa. O conceito de Nação nos Candomblés da Bahia. **Afroasia**, Salvador, n.12, p. 65-90, 1976.
- MARTINS, Roberto e BRITO, Otávio E.A. de. **História da mineração no Brasil**. São Paulo: Empresa das Artes, 1989.
- MUNANGA, K. **Arte afro-brasileira: o que é, afinal?** Associação 500 anos Brasil artes visuais. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2000.
- _____. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 56-63, 1996.
- OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão Africana no Brasil: Elementos para uma filosofia afro descendente**. Curitiba: Popular, 2006.
- REIS, João José. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. In: **Revista Tempo**, nº. 3, p. 7-33. Rio de Janeiro: 1996.
- REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociações e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SÁ JUNIOR, Mario Teixeira Não é feitiçaria! É tecnologia! Africanos e descendentes na mineração do Mato Grosso setecentista. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Vol. 10, n. 19, p. 81-98. Dourados:UFGD:2016.
- SANTOS, Angela Maria dos. Identidade e Cultura Afro-Brasileira. Volume/Módulo 8. **Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.
- SANTOS, Angela Maria dos; GONÇALVES, Vanda L. S. Identidade e Cultura Afro-brasileira. / Volume/Módulo 10. **Educação das Relações Étnico-Raciais e no Contexto da Educação de Jovens e Adultos**. Cuiabá: EdUFMT, 2014.
- SANTOS, Joel Rufino dos. Culturas negras. Civilizações Brasileira. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, nº 25, p. 5-10. Brasília: Iphan, 1997. (Coleção Negro Brasileiro).
- SANTOS, Rafael dos. Dimensões imateriais da cultura negra. **Revista Eletrônica TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, p. 1-3, jan/dez 2003.
- SERRA, Ordep. No caminho de Aruanda: a Umbanda candanga revisitada. **Afroasia**, Salvador, n.25-26, p. 215-256, 2001.
- SILVA, Alberto da Costa e. **Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África** – 5 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- SILVA, Cristiane dos Santos. **Irmãos de fé, Irmãos no poder: a irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1751-1819)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, PPGHIs, 2001.
- SILVEIRA, Renato. Do Calundu ao Candomblé. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 06, p.18-23, 2005.

QUERINO, Manuel. **O colono preto como fator de civilização brasileira**. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1918.

_____. **Costumes Africanos no Brasil**. 2 ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 1988.

Sobre a Autora:

A autora, Angela Maria dos Santos, é doutoranda em Educação no PPGE/UFMT e pesquisadora do NEPRE/UFMT. Possui formação em Pedagogia, e também é graduanda em Sociologia e Especialista em Psicopedagogia e Educação das Relações Etnicorraciais na Sociedade Brasileira. Tem experiência na área de Educação, atuando com os seguintes temas: relações raciais, Cultura Afro-brasileira e Educação Escolar Quilombola.

